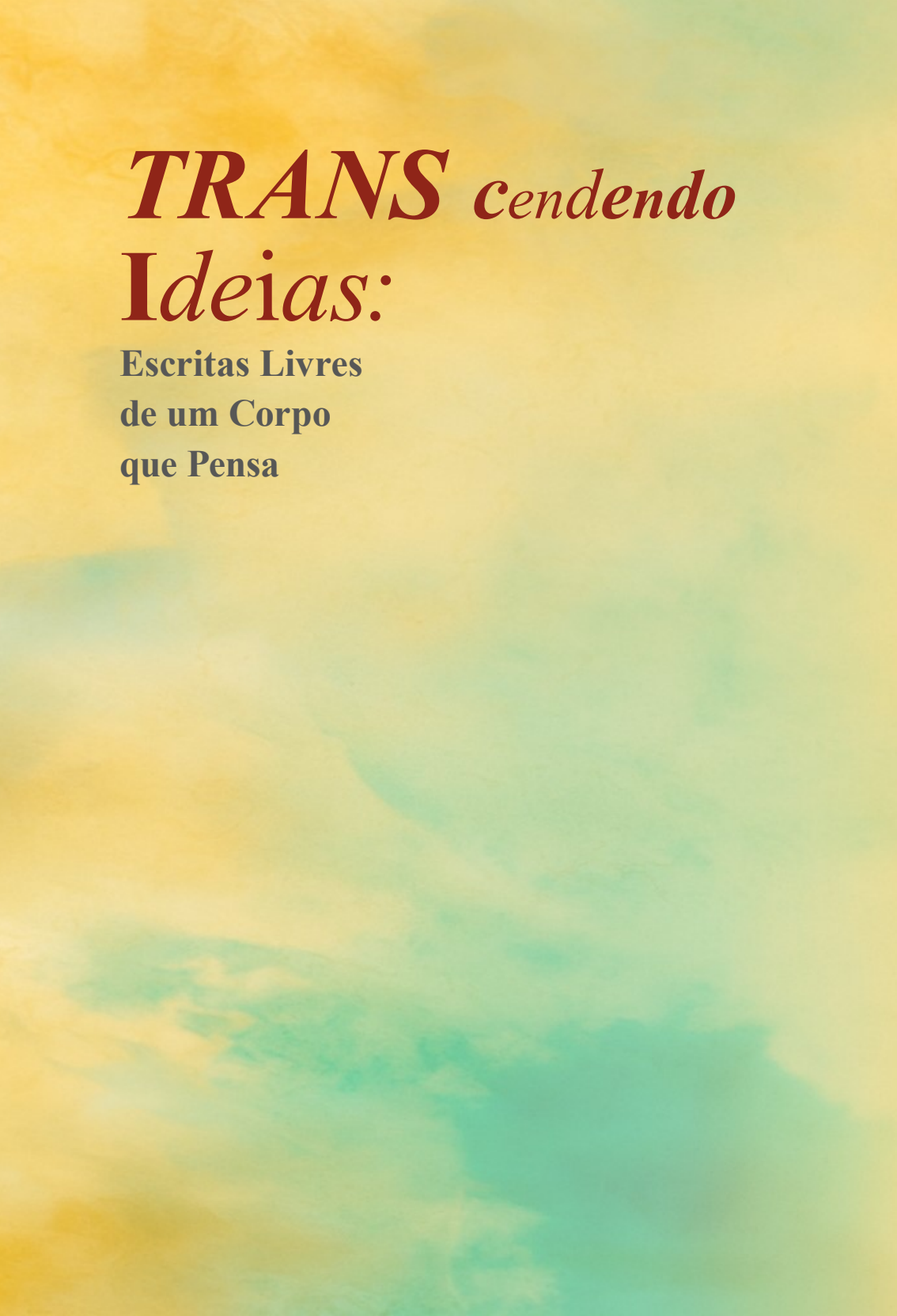


TRANS cendendo Ideias:

Escritas Livres
de um Corpo
que Pensa

Victor Cauã Silva de Oliveira

 editora
CAULE DE PAPIRO®



TRANS *cendendo* *Ideias:*

Escritas Livres
de um Corpo
que Pensa

TRANS *cendendo* *Ideias:*

Escritas Livres
de um Corpo
que Pensa

Victor Cauã Silva de Oliveira

 editora
CAULE DE PAPIRO®

Natal, 2025





©2025. Victor Cauã Silva de Oliveira. Reservam-se os direitos e responsabilidades do conteúdo desta edição ao autor. A reprodução de pequenos trechos desta publicação pode ser realizada por qualquer meio, sem a prévia autorização do autor, desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n. 9610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal. Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Lei N° 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Revisão	<i>O autor</i>
Capa	<i>O autor</i>
Projeto Gráfico e Diagramação	<i>Caule de Papiro</i>

Catálogo da Publicação na Fonte.
Bibliotecária/Documentarista:
Rosa Milena dos Santos - CRB 15/847

O48t Oliveira, Victor Cauã Silva de.

Transcendendo ideias: escritas livres de um corpo que pensa [recurso eletrônico] / Victor Cauã Silva de Oliveira. – Natal: Caule de Papiro, 2025.

78 p. : il.

ISBN - 978-65-5477-126-9

1. Crônicas. 2. Prosa. 3. Memória autobiográfica. I. Título.

CDU 821.134.3-94

Caule de Papiro gráfica e editora
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitumbu | 59.068-170 | Natal/RN | Brasil
Telefone: 84 3218 4626
www.cauledepapiro.com.br



*Não tenho certeza de nada, mas a visão
das estrelas me faz sonhar.*

Vincent Van Gogh



Agradecimentos

Dedico este livro ao meu eu criança, ao meu eu adolescente e ao meu eu adulto.

Às múltiplas facetas do meu ser, que se uniram com coragem para tornar este trabalho possível.

Agradeço, também, à minha grande amiga Adriana Torquato, que sempre esteve ao meu lado, apoiando e incentivando cada projeto nascido da minha mente incansável.

Este trabalho não fala apenas de mim, mas de todos os corpos dissidentes que ousam pensar, existir — e resistir.



Sumário

Apresentação	10
O domingo chuvoso de julho	11
De Amor, Dor e Revolução: Jacqueline	12
Onde floresceu a esperança: lembranças da Casa Brasil	13
Hospital: onde mora a cura (e a morte)	14
O Perfume da Ausência: feliz aniversário, amor	15
Moenda do Capital: a máquina que tritura almas	16
Mãe: nome que o tempo não apaga	17
Desencaixado: memórias da infância	19
A fila da vida: à espera do inesperado	21
O inverno mais quente: tempo de São João	22
Ciclos de Testosterona: A Jornada Transmasculina	23
Rotinas: entre o <i>burnout</i> e a <i>mesmice</i>	25
Entre o grito e o sussurro: o estado da arte	26
Amor: o corpo que arde, a alma que gela	27
Travestilidade é saber: entre a seda e o fogo	29
Onde mora a desconfiança: confiança a contas gotas	30
Desejo Fúnebre: os últimos parágrafos	32
Deságua em mim	35
Corpo dissidente: arder para se encontrar	36



Abrigo de Inverno	38
Andarilho de Mim	40
Sentir: verbo de existir	41
Monocromia	42
Cadeira de rodas: alma inquebrável	43
Desembrulhar o novo: a escolha de mudar	44
Entre o 8 e o 80: Radicalmente eu	46
Entre mangas e memórias: O tempo que não passa	47
Entre o cuidado e a companhia: o afeto que não se compra	49
Doce domingo de Sapoti	50
O prato que a Senzala cozinhou	51
A Senhora dos mistérios	52
Quando teus olhos encontram os meus	53
A paciência na fumaça	54
Caminhos Atravessados	55
Prosa de propósito	56
Imaginários em mim	57
Entre o corpo, o espelho e a coragem	58
O NÃO que nos faz seguir	59
O peso do pouco	61
A defesa do Eco	62
A geometria da raiva: no limite da pele	63
As cartas que não mando à você	65
Sentença no corpo	66
Entre vidros e Memórias	68
Massa: a comida da solidão	69
Amar sem amarras	70
Fixação — ato de fixar-se	71



O vazio da saudade	72
O manto da noite	73
A realidade fantasiada	74
A última nota	75
Sobre o autor	77



Apresentação

Este livro é um convite à escuta e à sensibilidade.

Reúne escritas livres — crônicas, poemas, poesias, prosas poéticas, memórias autobiográficas, entre outras formas — que refletem pensamentos cotidianos, afetos e as múltiplas vivências de um homem trans.

As palavras aqui não seguem um único formato ou estrutura. São fragmentos de existência, sentimentos em estado bruto, tentativas de nomear o que muitas vezes escapa ao dizer.

Mais do que um conjunto de textos, este livro é um gesto de presença. Um espaço de voz, de memória e de resistência.



O domingo chuvoso de julho

O cheiro de molhado, o miado do gato, o latido da cachorra, o som dos passarinhos no ninho.

A velha embriaguez moral deságua em ideias e pensamentos de dias melhores.

De repente, uma correspondência digital lembra de que a luta deve valer a pena — e quanto ao preço da resistência? Esse valor só os que resistirem dirão.

A chuva segue como testemunha, batendo no telhado com a paciência dos séculos. Cada gota um verso, um chamado.

Lá fora, tudo se agita em silêncio; aqui dentro, pulsa o desejo de não se render.

Resistir, talvez, seja também ouvir o miado, o latido, o chamado da vida simples — e saber que até nos domingos chuvosos de junho, há força em continuar.



De Amor, Dor e Revolução: Jacqueline

Ativa, elegante, sensual, irreverente.

Mulher que ousou desafiar a hegemonia do gênero.

Do amor, viveu — e dele multiplicou outras existências.

Da dor e da resistência, fez seu altar.

Da alegria e dos muitos amigos, forjou conversas e ideias revolucionárias.

Arrojada e destemida: assim viveu, assim é lembrada.

Calor intenso e ininterrupto — chama viva que ainda incendeia o fogo da batalha.



Onde floresceu a esperança: lembranças da Casa Brasil

Em uma noite fria de julho, o inverno se deita sobre a rua silenciosa, sombreada por luzes tênues que, ainda assim, não apagam as cores vibrantes das paredes da resistência.

São paredes que guardam memórias de muitos que, naquela casa, encontraram abrigo, afeto e a força de continuar.

Do lado de fora ainda se avistam as plantas penduradas no alpendre que eram carinhosamente cuidadas, cuja beleza enfeitava e trazia leveza ao ambiente.

Os vários animais que ali viviam traziam alegria e carinho aos que moravam e aconchego aos que apenas passavam.

Hoje, ao passar lentamente pela frente da casa, as luzes apagadas, a ausência dos latidos e das vozes estridentes anunciam a sua ausência.

O Brasil, terra de braços firmes, forjado na luta e sustentado pela fé na liberdade, se espelhava naquela casa. Assim era a Casa Brasil.

A casa esvazia-se, sim. Mas a luta permanece — ancestral, firme, viva.

E a esperança floresce em cada recomeço.



Hospital: onde mora a cura (e a morte)

De fora, um amontoado de gente — todos à espera de uma cura ou de alguém ser curado.

Por dentro, paredes pálidas, funcionários apáticos e a aura pesada do sofrimento e da esperança de quem já passou por ali.

A medicina cura as dores do corpo, mas não as da alma. Remenda a matéria, mas não consola o espírito.

Há anos observo esse lugar e os que o habitam em seus momentos mais frágeis — quando a morte se aproxima.

Idosos, cadeirantes, aleijados, cegos, acamados... todos em busca de mais um pouco de vida.

O hospital: onde a morte se hospeda, mas também onde a vida, por vezes, renasce.



O Perfume da Ausência: feliz aniversário, amor

Será que Cazuza sabia que a sorte de um amor tranquilo com sabor de fruta mordida não é a essência da felicidade?

Creio que sim. Isso é só um refúgio poético, porque viver, de fato, é outra coisa - um amontoado de contradições.

E quando Raul Seixas disse:

“uma vela está queimando. Hoje é nosso aniversário.

Está fazendo hoje um ano que você me disse adeus”.

Essa canção foi mais realista porque demonstra que o amor, por mais intenso que seja, tem sua fragilidade, sua vulnerabilidade e, principalmente, impermanência.

Em verdade, o amor nem sempre salva. Às vezes, ele só ensina e nem sempre com delicadeza.

Hoje, há um dia de um ano, vejo que a presença virou ausência calada, que o riso partilhado virou lembrança e o abrigo virou distância.

No silêncio, aprendi que amar, às vezes, é aceitar que o outro escolha não ficar.

Então, feliz aniversário, amor.



Moenda do Capital: a máquina que tritura almas

Viver cansado.

Trabalhar improdutivo.

Pensar desnortado.

Fazer sem entender.

A máquina — essa moenda do capitalismo — consome nossa criatividade, nossa juventude, e não se amolda aos ideais marxistas tão sonhados.

O capital nos exaure.

Premia os mais cansados, porque quanto mais exaustos, mais obedientes.

E assim alimentam a insaciável roda da fortuna.

Viver do trabalho é o mesmo que viver para o trabalho. E é nessa paráfrase que nasce o automatismo.

O diagnóstico:

viveu no piloto automático, sem refletir, sem sentir, acumulou tarefas, rendeu frutos em cifras.

A doença:

patologia do lucro crônico.



Mãe: nome que o tempo não apaga

Acolher, manter por perto, defender, ensinar, ajustar...

Tantas ações para descrever um sentimento que todos já tiveram ou, ao menos, desejaram viver.

Entre caminhos, idas e vindas, esquinas e ruas cruzadas, nos encontramos e nos perdemos. Aprendemos — nem sempre com doçura — lições duras, mas necessárias.

Ser pessoa é também se construir e se refazer no encontro com o mundo e com a vida.

O dito popular diz: “Você não cria um filho para você, mas para o mundo.”

A sensação de manter uma vida dentro de si por meses, alimentar expectativas, sonhar futuros — isso não combina com desapego e, certamente, não deve coadunar com o dito popular.

E então vem o choque: o filho que desafia todas as projeções, que não corresponde aos sonhos idealizados — e que, muitas vezes, parece ser a personificação da ingratidão.

A sociedade romantiza a criação e idealiza a maternidade, mas essa imagem esconde as estacas invisíveis que se fincam nas costas de quem gesta, cria e ama.

Ainda assim, a mãe nunca deixa de ser mãe.

E o filho, mesmo em silêncio, nunca deixa de querer ter uma mãe.



Nem sempre será a que gerou. Às vezes, é a que a vida dá.

Mas há algo que une todas elas: um amor que ultrapassa o tempo e o corpo — um afeto que não tem começo, nem fim.



Desencaixado: memórias da infância

Quando se é criança, tudo ganha outra proporção — geralmente aumentada pela imaginação. Uma caixa de papelão pode virar um carro, uma casa, um enfeite... depende do que se sonha.

Eu adorava criar subuniversos, realidades paralelas onde eu era exatamente quem queria ser.

Com minha avó, aprendi desde cedo as técnicas da costura e a arte de plantar.

Gostava de costurar roupas para os bonecos do meu irmão — já que eu não podia ter os meus, brincava com os dele.

Também gostava de plantar cebolinhas no beco da casa da minha avó, onde a terra era mais úmida e propícia ao cultivo. Todos os dias, eu observava o crescimento delicado das folhas e, quando estavam no ponto, colhia-as para a salada do almoço.

Fazia ainda um pequeno observatório de formigas, fascinado com o modo como viviam e se organizavam em sua comunidade coletiva.

Com meu avô, aprendi as técnicas dos jogos de tabuleiro e a marcenaria. Quase todas as tardes, jogávamos dominó e dama em uma mesa improvisada em frente à sua oficina.

A marcenaria me encantava porque, ali, a madeira se transformava em criação — um espaço onde tudo podia ser inventado.



O cheiro da tinta, do verniz, da cola, do cigarro e do pó de serragem envolvia aquele ambiente. Ali, eu criava de tudo: nada sofisticado ou profissional, apenas invenções que faziam sentido na cabeça de uma criança.

Fazer pequenas mesinhas de madeira, criar mini roupas masculinas, plantar mudas, andar escondido na bicicleta Monark do meu avô, jogar bola sozinho, fugir para jogar videogame nas antigas casas locadoras — tudo isso fez parte da minha infância.

Mas era uma infância reprimida, porque o que eu sentia não refletia o idealizado para o gênero que me atribuíram ao nascer.

Ainda assim, ser criança era ser criança: não saber o que estava errado, mas sentir que algo não se encaixava.

Foi uma infância de desencaixes.



A fila da vida: à espera do inesperado

Filas de espera — quantas temos que enfrentar ao longo da vida?

Acho que muitas.

A gente espera para nascer, espera para crescer, espera por dias melhores.

A espera é a essência do tempo. Esperar exige paciência — e também a sabedoria de que, mesmo após tanta espera, as coisas nem sempre acontecerão como queremos. Às vezes, elas acontecem do modo como precisamos.

Filas de hospital, filas de supermercado, filas em bancos... e a fila da vida.

Essas filas, inevitavelmente, são comuns a todos os humanos.

Mas a fila da vida — ah, essa sim é a mais complexa de todas.

É dentro dela que nos construímos como pessoas, que aguardamos o nosso acontecer em meio a um espiral contínuo. E, dentro das nossas vidas, carregamos outras vidas, que, após nossa partida, seguirão adiante no mesmo caminho.

Estar enfileirado é estar à espera de um objetivo.

É ter um propósito — e acreditar que, ao final da fila, quando chegar a nossa vez, algo se concretizará... ou não.

É não saber, e ainda assim saber, que algo poderá — ou não — acontecer.



O inverno mais quente: tempo de São João

Bandeirinhas, pamonha, canjica, milho, pé de moleque, arroz doce, munguzá, cheiro de fogueira — isso é o mês de junho.

O sexto mês do calendário gregoriano, cujo nome deriva da deusa romana Juno, esposa do deus Júpiter.

Também é o mês dos enamorados — data em que os românticos aproveitam para presentear seus pares e demonstrar amor... ou se desculpar pelas burradas cometidas ao longo do tempo.

Mas, essencialmente, é o São João que marca o mês de junho — com suas músicas inconfundíveis entoadas na sanfona e a dança alegre do típico nordestino.

Fazer aniversário nesse mês é uma dádiva: lembranças únicas de momentos, cheiros, comidas e músicas.

O inverno também chega com junho — um contraste cultural e natural. Enquanto os humanos acendem suas enormes fogueiras, a chuva insiste em apagá-las. Ainda assim, mesmo diante do contraditório entre o clima e a tradição, junho segue sendo um mês de alegrias.



Ciclos de Testosterona: A Jornada Transmasculina

A dor fina, profunda e já conhecida da agulha perfurando a pele. Em seguida, o líquido espesso se juntando ao organismo.

Há anos, essa prática me acompanha. Sempre em uma sala nos fundos da farmácia, com as mesmas paredes pálidas e farmacêuticos confusos, tentando entender por que um homem injeta um hormônio que, em tese, seu corpo já produz. Essas dúvidas se dissipam quando preciso repetir a já desgastada aula sobre identidade de gênero.

Nessas “aulas da vida”, encontrei uma ou duas pessoas com quem valeu a pena conversar — e isso faz valer o clichê de que “o mundo não está totalmente perdido”.

A cada quinze dias, a mesma sensação: a de estar mais próximo do ideal físico masculino, do que socialmente se espera de um homem.

Minha biologia, no entanto, me concebeu com traços finos, delicados — curvas e detalhes atribuídos ao feminino —, características não aceitas para um homem.

Mas, afinal, o que é ser homem? Seguir o padrão machista do patriarcado?

Para mim, definitivamente não. Ser homem não é uma questão genital, nem a repetição de comportamentos machistas.



Masculinidade, para mim, é ter consciência de si — e, sobretudo, a vontade de se desconstruir desses estereótipos de gênero.

Entre agulhas, hormônios, receitas, farmácias e vivências, vão se construindo masculinidades que resistem à hegemonia do gênero.



Rotinas: entre o *burnout* e a *mesmice*

Cansado, cansaço, apagado, desiluminado...

Quantas palavras cabem em um sentimento tão comum à vida adulta?

A gente se cansa do trabalho, da rotina, da família, da terapia, do amor, dos exercícios físicos — de tudo o que compõe o cotidiano.

E tudo bem.

Cansar faz parte do conjunto complexo de ser humano. Uma rotina contínua e repetida, cedo ou tarde, esgota.

A ideia difundida de que existe uma “fórmula certa” — aquela que, se repetida, nunca falha — é, em alguns contextos, um erro. O mesmo modo de agir, sem inovação, preso à velha *mesmice*, uma hora satura.

O novo sempre parece mais iluminado e desejável. As inúmeras possibilidades que nascem de ideias embrionárias funcionam como injeções de dopamina em mentes criativas.

Ser menos cansado talvez dependa de aprender a reconstruir o prazer da vida.

Máximas como essa deveriam constar na lista de prioridades de uma juventude contemporânea cansada.



Entre o grito e o sussurro: o estado da arte

Barulhos, sons, ruídos — os desafetos do silêncio.

Estar em silêncio é habitar um estado de plenitude, de presença consciente, de encontro com a própria mente e com os pensamentos que a permeiam.

Para algumas pessoas, é difícil alcançar esse estado, pois suas mentes barulhentas se refletem em corpos estridentes.

Outras possuem uma mente incessante, mas se manifestam em corpos passivos.

Mas é tanto no silêncio quanto na agitação que a ideia nasce.

O que muda é o vetor — e o resultado final que restará.

E isso varia de indivíduo para indivíduo.

A arte surge da ausência e também da presença.

Não há regras para moldar o mundo imaterial da mente artista.



Amor: o corpo que arde, a alma que gela

Amores, paixões, afetos, gostar...

Tantos sentimentos envolvem os seres humanos e seus relacionamentos interpessoais.

Mas é a parte romântica a que mais se sente — seja por um amor profundo e vivido, seja por um grande amor idealizado.

Os términos são as partes mais dolorosas: dizer adeus a quem tanto se doou, sacrificou e perdoou; ou, ainda mais difícil, dar adeus a quem se amou em segredo por tanto tempo.

A confiança é a base dessas relações e, quando quebrada, raramente é restabelecida. O que fica é a ferida aberta — às vezes, incurável.

Sobre essa dor, constroem-se os traumas: cicatrizes de experiências vividas e o medo constante de que tudo se repita.

Ainda assim, há quem, por uma fresta nesse emaranhado de sentimentos, consiga não amar mais — e viva de casos fugazes.

Esses casos não são paixões, são apenas momentos. Momentos em que duas almas desoladas se encontram e se satisfazem — sem dor, sem compromisso, sem amor.

Sem lembrar o nome.

Sem saber o livro favorito.

Sem conhecer os anseios.



Sem se conhecer e sem sentir.

Isso não é amor, nem paixão.

É só lascívia: o corpo que arde em matéria, enquanto o espírito congela.



Travestilidade é saber: entre a seda e o fogo

Há muito tempo ouvia falar dessas garotas — tidas como objetos, hipersexualizadas, marginalizadas. O desejo obscuro, consumido às escondidas pelos homens.

Mas... e elas? Quem são? O que desejam? Quais são seus sonhos, suas habilidades, seus saberes para além do sexo?

Na primeira vez que estive com uma delas, eu era inexperiente, tímido, sem saber conduzir, sem saber pedir.

Ela, experiente e sensível, soube desalinhar o carretel.

Com suas roupas de seda, cabelos bem cuidados, curvas intensas e um corpo que desafiava as normas de gênero, carregava uma sensualidade inquieta.

Mas o que mais me encantou foi sua travestilidade — sua inteligência afiada, suas palavras sobre o cotidiano, a política, a situação do país, a militância.

Estar em situação de trabalho sexual nem sempre é uma escolha. Muitas vezes é a única saída que a marginalização permite. Mas essas mulheres são muito mais do que o clímax que proporcionam. São histórias, são vozes, são vidas com conteúdo e que merecem representação, respeito e espaço social.



Onde mora a desconfiança: confiança a contas gotas

Relações são feitas de pessoas — duas ou mais — e, às vezes, também construídas com outros seres.

Viver junto é estar com. Isso é convivência: partilhar risos, segredos, conversas sobre o cotidiano, a família, o futuro e o presente.

Sair juntos, tomar um café da tarde, ir a shows... Essas memórias são construídas com pessoas próximas, geralmente amigos.

A velha máxima diz que o amigo é aquele para todas as horas — quem defenderá seu nome, ajudará nos momentos difíceis, estará sempre ao seu lado.

Mas existe um lado obscuro nessa versão romantizada: nem sempre os amigos serão os fiéis escudeiros.

A base das relações interpessoais é a confiança — esse sentimento tão caro e profundo, que só se constrói quando há a impressão de que se está diante da pessoa certa.

Mas até a certeza carrega a incerteza, pois nem sempre as pessoas corresponderão com a mesma entrega.

Isso vale para todos os campos da vida. Nas relações jurídicas, por exemplo, o princípio da boa-fé deveria reger os



contratos, mas nem sempre as partes agem com honestidade — e o embaraço deságua em um longo processo judicial.

Ainda assim, a quebra da boa-fé é mais dolorosa quando se trata da afetividade, pois não se espera que isso aconteça com quem se ama ou confia.

Nos resta, então, uma confiança dosada, a conta-gotas — como os remédios reativos, que precisam ser administrados em pequenas doses.



Desejo Fúnebre: os últimos parágrafos

Desde criança, buscava o sentido da vida — o sentido da minha vida, da vida dos outros, até da vida dos insetos que eu adorava observar.

As formigas vivem em grandes comunidades. Todas têm um papel. São operárias destemidas, enfrentam o mundo dos humanos e de seres maiores para buscar os insumos necessários à sobrevivência.

Elas sabem nadar muito bem, mas também se afogam e morrem. Quando uma formiga morre afogada, ela se encolhe, assume uma forma fetal, imóvel. E depois dali, não há mais nada.

Isso me fazia refletir sobre como seria minha morte — e como é horrível ver o corpo, instintivamente, lutando para viver.

Eu queria que minha morte fosse indolor. Que eu não sentisse dor. Que simplesmente acabasse. Como um sono do qual você nunca acorda.

A verdade é que viver é uma droga — e eu já sabia disso desde criança. Ser forçado a se encaixar em padrões inalcançáveis, nascer em um corpo errado, nunca se sentir bem, sempre ser repreendido.

Foi aí que comecei a estudar anatomia. Queria entender por que meu corpo era daquela forma — e entender outros corpos



também. E então percebi: eu nunca mudaria. Teria que conviver com aquele corpo para o resto da vida.

Então, comecei a estudar as formas legais da morte. Primeiro, eutanásia e ortotanásia: dois modos de controle sobre o corpo. Mas, no fim, nem isso é nosso — nem a escolha da morte. Depende de um médico, de critérios, de diagnósticos.

Depois estudei o suicídio — um método que dá ao menos a ilusão de liberdade: você pode escolher o modo, a hora, o dia e a forma. E não é crime. Ao menos isso.

Quando criança, eu pensava:

"Eu não pedi para nascer. Então, não preciso permanecer vivo."

Queria ter minhas escolhas. Mas legalmente, não podia. Então esperei ansiosamente completar 18 anos para fazer minha escolha.

Mas então, aos 16 anos, conheci alguém.

Alguém que me fez querer viver. Querer crescer, estudar, conquistar alguns títulos.

Ela prolongou minha vida. Mas nunca conseguiu apagar o desejo fúnebre.

Continuei a viver — sempre vazio. Sem expectativas em mim. Ainda não as vejo.

Não enxergo valor na minha existência.

Mas talvez eu tenha valor ajudando alguém que, como eu, também não enxerga.



Não para que eu tenha sentido. Mas para que essa pessoa tenha.

Minha missão não é fácil.

Todos os dias, minhas forças se esgotam.

Mas hoje, ao menos, eu sei que posso escolher o que antes não podia.



Deságua em mim

Água.

Água salgada, água doce.

Água corrente, água parada.

Água limpa, água potável.

Água suja, água barrenta.

Deságua em mim água salgada –
dizem ser lágrimas.

Lágrimas vazias, sem versos,
sem poesia.

Lágrimas que vertem dores,
dores da alma
que nenhuma água consegue lavar.



Corpo dissidente: arder para se encontrar

Tem dias em que se intensificam os desejos de queimar.
Desejos de arder, de incinerar sentimentos — e o próprio corpo.
Nascer em um corpo dissidente, por vezes, é não amá-lo, não cuidá-lo, não se sentir pertencente.
E, nesses dias de ardência, de dor, de urgência,
faz-se o que talvez ninguém devesse fazer:
você entrega seu corpo a experiências vazias, rasas, violentas,
sem piedade —
apenas para dizer a si mesmo que não tem sentido.
É uma forma de se destruir.
Até que, em algum momento, você entende que, por algum motivo,
você tem um motivo.
Seja por você, seja por alguém.
E há dias em que você pensa:
meu corpo também merece afeto.
Não necessariamente o dos outros,
mas, principalmente, o meu.
Se amar não é fácil —
porque somos a imagem da imperfeição.



E o imperfeito não brilha,
não recebe holofotes,
não está nas capas das revistas.
Mas a sua imperfeição é lanterna.
Ilumina o breu do seu destino
e guia os passos nessa estrada esburacada e incongruente
que é a vida.



Abrigo de Inverno

O que o corpo abriga
numa tarde fria de inverno?
Ou seria o que ele implora —
calar o frio, vestir o desejo?

Espinha gélida,
pés de pedra,
coração roído,
cabeça em névoa.

Mas os sentimentos,
ah, esses queimam...
Desejo ardente,
paixão acesa,
fagulhas sob a pele.

E ela?
Leve —
como brisa que não se segura,
mas densa —
como choque que paralisa.



Lá fora,
a chuva pinga devagar,
como quem sabe
esperar
alguém
que talvez
não volte.



Andarilho de Mim

Alguém irá ouvir?

— Muitas vezes, o pensamento ecoa.

Andarilho de mim mesmo,
em busca de razão,
propósito de ser.

O silêncio da estrada
é a velha paisagem repetida,
sempre a mesma,
imóvel e só.

Pensamentos calados,
ideias emboloradas em morfo,
corpo cansado de trilhar
um caminho sem horizonte.

Tropeço numa pedra,
caio, levanto —
desvairado,
vendo cores na neblina.

E espero,
que entre a evaporação,
haja pigmentação de vida.



Sentir: verbo de existir

Quanto tempo os escritores gastam escrevendo sobre seus sentimentos?

E quanto tempo as pessoas gastam falando sobre os seus – seja com um amigo, um parente ou um conhecido?

Sentir é importante porque é inerente ao existir. Humanos sentem, animais sentem, plantas sentem.

Entre todos os sentimentos, dois parecem dominar: a dor e o amor.

A dor pode ser física – como uma fratura em um acidente de moto – ou subjetiva, como a perda de alguém amado, as palavras ásperas vindas de quem menos se espera, ou o silêncio cortante de certas atitudes.

O amor pode ser por uma causa, por uma pessoa, por um animal, por uma planta ou simplesmente pela vida.

São opostos e, ao mesmo tempo, conjugados. Porque é possível amar com dor, e também doer sem amor.

Sentir não é fácil. Todos sentimos. Até aqueles que dizem estar congelados – pois só congela quem já sentiu e, no fundo, ainda sente.



Monocromia

Ver
sem interferir —
chama-se observar.

Sem falar,
sem mexer,
sem tocar:
apenas estar.

Olhar ao redor,
olhar para dentro,
e enxergar
a vulnerabilidade da existência.

Olhos cansados,
tristes,
apáticos,
veem o mundo em tons apagados.

Lentes gastas
cegam a visão
de qualquer aurora.



Cadeira de rodas: alma inquebrável

A primeira vez que te vi em uma cadeira de rodas — foi triste, penoso.

Mas, curiosamente, esses sentimentos nunca fizeram parte de você, nem mesmo nos momentos de cautela e cuidado.

E, naquela tarde, naquela cadeira de rodas, você organizava e delegava as funções de todos que estavam ali.

Montavam-se kits, cestas, sonhos em espera, para quem o mundo esquecia, quem mais precisava.

Com os cabelos ainda curtos, recém-raspados, você os pintou de uma cor vibrante: rosa. Sua juventude desafiava o tempo e a idade.

Sua força pela vida era inspiradora — uma mulher incansável, sem comodismo. Seu inconformismo era a essência da vontade de progredir, de criar uma realidade diferente.



Desembrulhar o novo: a escolha de mudar

Novo: ainda não tocado, não desembulhado, não mexido.

A sensação de receber algo novo e conhecê-lo em primeira mão é vibrante — especialmente quando se espera por isso há algum tempo.

Mas a sensação de fazer algo novo, de trilhar um caminho desconhecido, de não saber o que está por vir — essa é mais complexa. É o estado cru da ansiedade.

Fazer o que nunca se fez antes é desafiador. É um ato de coragem, sobretudo quando envolve enfrentar os fantasmas que te impediam de seguir o que realmente desejava.

Novo e coragem: duas palavras que se combinam.

O novo é o que ainda não foi descoberto — e desbravar exige coragem.

E quanto à coragem, é simples: ou se tem ou não se tem. Ou você faz e vê no que dá, ou não faz — e nunca saberá como teria sido.

É também uma questão de escolha.

O novo é o desconhecido.

E atrás do novo, está o velho, o conhecido — e sentado ao lado dele, o comodismo.



Ter coragem de escolher o novo é decidir abandonar as prostrações e acreditar que algo em você, ou no mundo, pode mudar.



Entre o 8 e o 80: Radicalmente eu

Intenso e fraco. Vibrante e apagado. Estridente e silencioso.

É difícil encontrar a medida entre esses estados. São extremos – opostos. Não há qualquer semelhança entre um e outro.

E, de fato, não é para haver.

Onde um existe, o outro simplesmente não cabe.

É possível conhecer o que há entre o 8 e o 80?

Para algumas pessoas, sim. Para outras, não.

Eu desconheço esse intervalo.

Ou sou tudo, ou sou nada. Ou amo, ou odeio. Ou estou dentro, ou fora. Ou confio, ou desconfio.

Essa ideia de meio-termo me soa como um remédio amargo, criado para amenizar situações fracassadas.

Prefiro a intensidade do sentir – mesmo que doa – do que gravitar em contrabalanços irremediáveis.



Entre mangas e memórias: O tempo que não passa

Mangueiras são árvores frutíferas, geralmente cultivadas em regiões tropicais. Seu fruto amarelo, fiapudo e doce rende ótimas experiências sensoriais.

São árvores frondosas, espaçosas, que, no período de produção, geram inúmeras mangas — símbolo da fartura.

A fartura, a doçura e a majestade são características superestimadas — e que sorte tem o lugar que leva o nome dessa planta.

Nesse lugar, não existem apenas mangueiras. Existem pitombeiras, flores, crianças, jovens, idosos... Existe a vida humana pulsando em meio à natureza.

Com a ajuda de uma amiga, descobri esse lugar — e também descobri a essência do termo "terapêutico".

É terapêutico estar com quem se gosta, em um ambiente que vibra natureza.

Tecer conversas a fio, sobre a vida, o cotidiano, as aventuras e desventuras.

Dar risadas, fazer caminhadas, não ver o tempo passar.

Existem poucas situações, lugares e pessoas que fazem o tempo não passar — isso é afeto.



Quando o tempo não passa, ele está passando, mas a dopamina ativada em seu corpo deseja que aquele momento se prolongue infinitamente.

Na realidade crua, os momentos acabam.

Mas, na memória, os momentos infinitos de alegria se perpetuam.



Entre o cuidado e a companhia: o afeto que não se compra

Em latim se diz *amicitia*, para nós, se diz amizade. Ou, talvez, se diga melhor: amor, afeto, cuidado.

Não é fácil nomear alguém como amigo. E também não é fácil ser amigável.

O mundo capitalista supervaloriza as relações superficiais, baseadas em trocas materiais — a amizade como negócio.

Mas, em sua substância, a amizade é amor.

Um tipo de amor diferente. Ou, às vezes, igual.

No liame entre a confiança e a desconfiança, existe o amigo: aquele que está no centro.

Aquele em quem você confia — e às vezes desconfia.

A quem você ama — e às vezes desama.

Com quem você quer estar — e às vezes prefere distância.

A quem você fala — e às vezes silencia.

A amizade é um complexo de sentimentos.

Mas é justamente a complexidade que nos faz únicos.

Se amigar é também se amar.

É reconhecer que, no mundo, ninguém vive sozinho — e precisamos uns dos outros.



Doce domingo de Sapoti

Debaixo de um pé de sapoti, adocei meu domingo.

Domingo: primeiro dia, domingo de sol, domingo de praia, domingo de descanso, domingo de missa.

Lembrei da mão amiga que me ofereceu o primeiro sapoti:

“É bem docinho, menino.”

Sapoti – fruto doce, de textura macia, nascido de uma grande árvore – adoça a boca e faz radiar o dia.

Sapotizeiro frondoso, abundante em frutos: criação da natureza que representa o açúcar da vida.

Adoçar para suavizar.

Adoçar para harmonizar.

Adoçar para amar.

Adoçar para abrir os caminhos.



O prato que a Senzala cozinhou

Feijoada de gente, de história, de cultura, de dor e de resistência.

Para uns, mito. Para outros, um fato real:

de onde vem a história de um dos pratos mais consumidos no cotidiano brasileiro?

Criada na senzala, por mãos negras — alimento de almas e corpos escravizados.

O que não era “servível” era descartado, e distribuído àqueles que também eram vistos como descartáveis.

Cozinhar é afeto, é cuidado, é alimentar quem nos importa.

Mas a feijoada tem um sabor que nasceu da dor.

Os miúdos eram dados aos escravizados, e, dentro da senzala, eles os misturavam ao feijão para sobreviver.

Na senzala havia cozinha, havia fé e havia resistência.

E essa resistência tinha cor — era negra.

Quando os brancos descobriram e gostaram do sabor, o prato se popularizou — e eles ficaram com os créditos.

Resistência é uma palavra ancestral, que atravessa a luta de todas as minorias que não se encaixam nos padrões.

E a resistência tem sabor, tem cor e tem rosto.



A Senhora dos mistérios

Espaço de tempo entre o pôr do sol e o amanhecer: o período de rotação da Terra em que não se recebe a luz do sol — a noite.

A noite é a senhora dos mistérios.

Do desconhecido, dos perturbados e das mentes pensantes.

A escuridão revela introspecção e conhecimento — conhecimento de si mesmo.

Quem é você quando não há ninguém ao seu lado, além de você?

É como olhar no espelho e enxergar suas expressões, imperfeições e atributos sob a luz do escuro.

Enxergar na escuridão é uma aptidão de poucos:

ver o que não é visível,

observar os detalhes obscuros,

pisar com cuidado,

ter a visão de um gatuno.

À noite, os pesadelos podem aflorar —

ao mesmo tempo em que as ideias, os *insights* e as realizações também acontecem.

Ser noturno é aprender a ver o que ninguém vê.

É compreender que a paciência é o combustível da vida.



Quando teus olhos encontram os meus

Olhos de ninho de passarinho.

Olhos de curiosidade, olhos de espanto, olhos de raiva, olhos de paixão.

Há quanto tempo a gente não se olha?

Olhar nos teus olhos e ver os meus.

Espelhar todo o meu amor e esperança no teu olhar.

Enxergar a beleza das flores, do dia, dos animais, das pessoas, dos lugares, da vida.

Os meus olhos nos teus olhos — e a vida a acontecer.

A visão que nunca irei esquecer.



A paciência na fumaça

À espera, ao aguardo, na ânsia...

A expectativa é algo impalpável, inusitado, não programado – é estar aberto para o que vier.

A espera é inimiga da ansiedade e companheira da paciência. A balança que equilibra esses sentimentos é um objeto almejado por muitos.

Mas, no fundo, ninguém gosta muito de esperar.

A velocidade e a rapidez da entrega ainda são as mais satisfatórias.

Lidar com a lentidão e a frustração é desagradável, mas necessário para o aprendizado de certos valores.

Enquanto espero, acendo um cigarro e vejo a paciência desenhando-se nas silhuetas formadas pela fumaça.



Caminhos Atravessados

Andar, andar. Não enxergar, não sentir, não se sentir.
Seguir. Não desistir. Sempre em frente.

Horizontes antes invisíveis agora se mostram.
Novos caminhos se avizinham.

E a trilha — sempre seguida — talvez fosse um percurso já
escrito num mapa,
por alguém que já sabia onde esses pés chegariam.

No chão, as marcas dos passos;
no ar, o sopro da coragem;
no corpo, as cicatrizes que se tornaram asas.

E assim, a travessia não terminava no destino.
Ela se repetia, se multiplicava, cada vez que um novo passo
nascia da vontade de existir.



Prosa de propósito

Destampeí, abri, rompi.

Desatei os nós cegos amarrados nas falas.

Revelei as vozes pulsantes de uma cabeça incessante.

Descobri a vida de outro modo: um modo de coragem, também de receio, mas, sobretudo, de persistência.

Quantos verbos cabem em um sentimento?

Quantas vozes são necessárias para ecoar a liberdade?

Quanto de mim se amplifica em resistência?

Tantas perguntas e tantas respostas.

Tantas certezas e inúmeras incertezas.

Tantas felicidades e também amarguras.

Estradas são percursos tortuosos que só quem tem coragem suporta atravessar.

E, no entanto, não se trata apenas de estradas ou de caminhos, mas de viver com propósito.



Imaginários em mim

Olhar em mim,
olhar dentro de ti.

Enxergar o infinito
na imaginação sem fim.

Criar extensão de ti
no imaginário de mim.

Fantasiar o intangível,
o que a cabeça insiste
em querer tornar real.

Amar sem sofrer
é viver sem doer:
impossível.



Entre o corpo, o espelho e a coragem

No espelho, reflete-se um corpo frágil, deslocado.

A imagem, desajustada ao padrão, oculta um interior fervilhante de ideias.

Pensamentos, idealizações, novas realidades, novas perspectivas.

Ao interrogar o espelho — reflexo da matéria — as respostas permanecem incertas.

Desbravar novas realidades exige coragem, essa companheira constante que, na jornada, precisa ser reafirmada todos os dias diante do espelho.



O NÃO que nos faz seguir

NÃO – partícula negativa, oposta à afirmativa sim. Pode ser advérbio, elemento de composição ou até substantivo masculino.

A explicação gramatical é simples, mas receber essa resposta na vida é sempre mais complexo.

Quantos “NÃO” carregamos na existência? Nos relacionamentos amorosos, no trabalho, na família, nas incontáveis situações do dia a dia.

Há um dito popular que diz: “o NÃO você já tem”. A frase serve como encorajamento: mesmo diante da incerteza, vale a pena arriscar-se para conquistar o “sim”.

Porém, quando o “NÃO” chega em momentos em que esperávamos o contrário – um negócio fechado, um amor correspondido, uma oportunidade sonhada – ele pesa, e sua negatividade parece maior.

Mas, como quase tudo na vida, tudo depende do ponto de vista. Se você trocar de lente, verá que o “NÃO” também pode ser um aliado:

NÃO desistir.

NÃO parar.

NÃO desanimar.

NÃO cair.



A verdade é que sempre estaremos sujeitos a receber um “NÃO”. Ele existe porque nem sempre as coisas acontecem como gostaríamos — às vezes, acontecem exatamente como precisamos.

A vida não termina no primeiro “NÃO”. E, por mais que ela não nos poupe de ouvir muitos outros, é justamente isso que nos fortalece e nos prepara para lidar com as adversidades.



O peso do pouco

Migalhas, farelos, sobras... tantas podem ser as palavras para nomear os fragmentos do que restou.

Quantas vezes nos alimentamos das ninharias? Talvez mais vezes do que possamos perceber.

Ir em busca de algo é ter um objetivo em mente. Quando a concretização depende de outros, nos vemos à mercê da mão da piedade.

Há um dito popular que diz: "Cavalo dado não se olha os dentes."

Mas nem sempre se deve deixar de olhar os dentes. Em muitas situações, é necessário fazer um exame completo.

Isso diz muito mais sobre o que você permite entrar na sua vida, sobre o valor que se dá e sobre o valor que se concede ao próprio trabalho.

Os farelos, as ninharias, não cabem em quem tem dimensões grandes demais para se limitar a migalhas.

Aliás, ninguém merece o mínimo. Se você sabe escrever um texto, não aceite uma mera palavra como resposta.



A defesa do Eco

Defender teu nome. Defender meu nome. Defender uma causa.

São tantas as defesas que criamos ao longo da vida, no compasso da caminhada.

Defesas que servem para nos proteger e também para proteger aqueles que nos são caros.

Uma só voz, ecoando no vento.

A falta de coragem, que silencia outras vozes, impede a potência do som.

Mas a luta continua.

E a luta não conhece o medo,
pois é forjada na coragem
e na força ancestral.



A geometria da raiva: no limite da pele

Em quantas formas se pode sentir raiva?

Raiva da vida que escorre por entre os dedos,
raiva do outro que fere,
raiva de si, por existir ou por não ser,
raiva do que não veio, do que nunca se cumpriu.

A raiva é chama antiga,
universal como o sangue,
um bicho indomável que arde dentro.
Pode ser peso, sombra, veneno.
Mas pode também ser impulso,
um sopro que empurra o corpo para além do medo.

Estar em raiva é ferver,
é deixar que o coração bata no compasso do descontrole.
É viver no fio da insensatez,
onde o que parece ilógico
às vezes é a mais clara verdade.



A raiva é carne da condição humana,
é sentir-se vivo,
é não aceitar o silêncio da pedra,
é recusar a imobilidade do mármore.

A raiva, no fundo,
é a prova de que ainda pulsamos.



As cartas que não mando à você

Nessas noites em que estou só, passeio pelo meu quarto escuro calçando vãos.

E confesso: sonhei-te nessas noites. Mais que isso: eu te recriei. Te compus em pele, cheiro, voz, suor, pêlos... e era tudo que me vestia.

Pêlos se envolvendo pelo corpo, mãos serpenteando, dando voltas em infinitos. Não pensastes essas noites... Essas foram noites em que viestes.



Sentença no corpo

Sento-me à mesa de um shopping qualquer. Na bandeja, um sanduíche cheio de vegetais; nos alto-falantes, uma música ruim que insiste em disputar espaço com o burburinho das conversas. À minha volta, um mar de gente apressada, barulhenta, cada um imerso no próprio caos.

Talvez fosse o cenário ideal depois de um encontro desastroso — e, convenhamos, não foi o primeiro, mas talvez tenha sido o pior. Entre uma mordida e outra, um pensamento teima em aparecer: por que os corpos com vulva sempre acabam responsáveis por tudo?

É sempre assim. Quando acontece um acidente. Quando há planejamento. Quando há descuido. Gravidez programada ou não, aborto que não deu certo, pílulas do dia seguinte que desajustam hormônios e deixam sequelas em corpos que já carregam tanto.

E não importa o gênero. Se o corpo tem vulva, sofrerá mais — muitas vezes, por escolhas que nem foram suas.

É como uma sentença: carregar o peso da maternidade ou da paternidade, dependendo se mulher cis ou homem trans, mas quase sempre sem amparo. Uma responsabilidade que dura para além da vida, que se entranha como cicatriz.

Enquanto mastigo o sanduíche insosso, percebo que tudo se resume a isso: o sistema do falo. Cruel, ele dita as regras e marca a ferro a cultura machista nos corpos que não o possuem.



E eu ali, no meio do shopping, rodeado de gente, com uma música ruim de trilha sonora, refletindo sobre sentenças culturais. O caos do lado de fora apenas ecoava o caos que já estava aqui dentro.



Entre vidros e Memórias

Desapareceu de mim, fugiu do meu encontro, evadiu-se da minha vida.

Quantos momentos vividos, quantos sonhos imaginados, quantas loucuras realizadas.

As letras, antes tão vivas, agora mortas sobre o papel envelhecido, degradado pelas traças.

A máquina de escrever, o violão, a guitarra, o baixo, as partituras, os livros, os filmes... e a casa.

A casa de vidro — tantos vidros. A transparência da arquitetura escondia dores silenciosas.

Nossas vidas registradas em retratos: entre rosas e espinhos, amores e dores — mas mais felicidades do que desgostos.

Isso são lembranças: memórias que permanecem dos momentos que jamais voltarão.



Massa: a comida da solidão

Massa, tomates, alho, cebola, manjericão — ingredientes da felicidade ou da ausência dela.

Macerar os tomates é como esmagar emoções guardadas e reprimidas.

Ferver a massa, observar a ebulição, é como tentar conter a torrente de pensamentos que não param de ferver em uma mente inquieta.

A cozinha é um laboratório de experimentos; cada prato carrega um significado.

Em mentes férteis, os alimentos carregam sentimentos — uns felizes, outros tristes.

Quando o molho envolve a massa, há uma espécie de abraço dos ingredientes.

Mas a completude que existe apenas no prato é como o abraço que não aconteceu mais.

Assim, o alimento sustenta o corpo, mas o coração permanece faminto.



Amar sem amarras.

Queria te guardar em uma caixinha, cuidar de você, e que só os meus olhos pudessem te desvendar.

O egoísmo da paixão é dilacerador: nos faz querer possuir o que deve ser livre.

A liberdade é a expressão mais pura do amor. Oferecê-la a quem se ama é a prova máxima de afeto.

Ser livre é ser gente — a gente que se quer ser. É falar sem medo, viver com despudor, sem amarras, sem prisão.

Amar cada pedaço de você é reconhecer que a liberdade pulsa em sua pele.



Fixação – ato de fixar-se

Apegar-se a algo ou a alguém é o exercício persistente do verbo insistir.

Há pessoas que passam por nossas vidas e saem delas, mas nunca partem do coração.

Há objetos que guardam memórias, lembranças de quem fomos ou de quem amamos, e que insistimos em não deixar ir.

Há amores de todas as formas: reais, idealizados, platônicos, falidos, ardentes, apagados, devastadores...

Fixar o amor é a armadilha silenciosa na qual apenas os corações apaixonados se deixam prender.

Fixação é também sobrevivência:

um jeito de manter vivo aquilo que o tempo tenta apagar.

É o fio que nos costura ao que fomos

e que, por vezes, nos impede de sermos o que poderíamos ser.

Mas talvez o segredo não esteja em arrancar,
e sim em aprender a conviver.

A aceitar que certas marcas não se desfazem,
apenas se transformam em parte do que somos.



O vazio da saudade

A saudade pode ser definida como o sentimento que nasce do afastamento de uma pessoa, de uma coisa, de um lugar ou da ausência de experiências já vividas.

Em linhas subjetivas, é o vazio que preenche o espaço do pensamento e do coração.

As pessoas, os lugares e os instantes que já se foram — ou que inevitavelmente irão — tornam-se parte de nossas histórias, deixando marcas próprias.

Algumas dessas marcas são como pegadas na areia: o tempo as apaga com o simples movimento da terra. Outras, porém, são como ferraduras gravadas em ferro: permanecem, indeléveis, impossíveis de esquecer.

Quase nada daquilo que se converte em saudade se perde. O que muda é apenas a importância e a intensidade que damos a cada lembrança.



O manto da noite

A noite estrelada, a noite enevoadada, a noite chuvosa...

A luz discreta ilumina os instantes dos seres noturnos, guardiã dos segredos e dos passos das damas da noite.

É quando o silêncio cai que o ser criativo se liberta, se intensifica e se aquieta.

E as estrelas — nem sempre visíveis, mas eternamente presentes — são esferas de plasma brilhantes que guiam os sonhos daqueles que vivem sob a magia da noite.

Na noite, os pensamentos ganham asas e se soltam como pássaros que desconhecem fronteiras.

Os mistérios que o dia esconde florescem sob o manto escuro, revelando cores que só o olhar noturno sabe enxergar.

Há quem tema a escuridão, mas nela também mora o aconchego, o silêncio que embala, a pausa que permite renascer.

É no escuro que o invisível se torna palpável, e a alma encontra espaço para sussurrar segredos a si mesma.

A noite é um convite: para sonhar, para criar, para sentir.

É o tempo em que o mundo diminui o ritmo, mas o coração encontra novas intensidades.



A realidade fantasiada

Um dia desses, sonhei sentindo o teu calor, o teu toque, o teu beijo.

Sonhei que éramos novamente próximos — que as conversas se alongavam, as risadas eram sinceras e os momentos de leveza voltavam a ser realidade.

Uma realidade na qual me perdi, na qual alcei voo e da qual nunca consegui regressar — uma realidade fantasiada, onde já não é possível distinguir o que foi do que ainda é.

A fantasia de você: aquela que me vestiu por inteiro e, depois, me despiu sem piedade.

E acordei com o vazio ao meu lado, tentando preencher com lembranças o espaço que já não era seu.

O corpo ainda guardava o rastro do sonho, como se sua presença tivesse se demorado mais do que devia.

Mas a memória tem dessas crueldades: veste a alma de esperança apenas para despi-la de novo em silêncio.

Ainda assim, insisto em sonhar, porque no sonho você permanece inteira, presente, possível.

Talvez seja esse o destino da saudade: renascer todas as noites em forma de sonho, para morrer todas as manhãs em forma de ausência.



A última nota

A finalização perfeita das notas de um violino bem afinado.

A sonoridade inconfundível de um piano bem executado.

Na música clássica, o fim é a série de acordes que conduzem à resolução. O volume pode se dissolver em um tom suave, dando a sensação de repouso, ou crescer até um ápice grandioso, como se quisesse eternizar-se.

Assim também são os finais da vida: podem ser pensados, delimitados, projetados. Mas, ao contrário da música, o fim humano pode mudar antes da última nota. Ou talvez não — talvez seja exatamente como na música, em que nenhuma sinfonia termina de fato, apenas se prolonga em outra.

Acabar, terminar, findar: verbos que raramente soam doces, sobretudo quando se trata de um grande amor ou de uma melodia que não queremos deixar silenciar.

Mas o fim, inevitavelmente, chega. E quando chega, nada mais resta senão aceitar o silêncio após a última nota.





Composto na
CAULE DE PAPIRO GRÁFICA E EDITORA
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitimbu | Natal/RN | (84) 3218 4626
cauledepapiro.com.br



Sobre o autor



Victor Cauã Silva de Oliveira

Nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, em 1996. Homem Trans, Escritor, Militante e Advogado, é Especialista em Processo Civil, Direito Público e Administração Pública. Sua escrita é atravessada pelas experiências do cotidiano, pela luta por justiça e pelos afetos que formam sua existência.

Este livro é feito de fragmentos: pensamentos soltos, memórias que insistem em ficar, palavras que pedem passagem.

Crônicas, poesias, prosas poéticas e memórias autobiográficas se entrelaçam para dar forma a uma existência que, antes de tudo, resiste.

Aqui, um homem trans compartilha suas vivências, afetos e inquietações – não para explicar o que é ser, mas para afirmar que existe.

Não é um manual. É um gesto. Um corpo que escreve, sente e ousa dizer.